

PALAVRAS: ESCRITA FEMININA, LUSOFONIA, ÁFRICAS

Izabel Cristina Oliveira Martins

Universidade Estadual da Paraíba – cristinaicom@hotmail.com

Resumo: Estudos como os de Dalcastagnè (2005) e Silva (2010) comprovam a tímida presença de mulheres como produtoras literárias e confirmam que o cânone literário se configura como um espaço de exclusão, visto que a maioria dos autores são homens, brancos, heterossexuais e pertencentes à burguesia e à classe abastada. É certo que os estudiosos citados desenvolvem suas pesquisas voltando-se, principalmente, ao cenário literário brasileiro. No entanto, se levarmos em consideração o cânone da literatura do restante do continente americano e do continente europeu, o que se percebe é a conservação de nomes de escritores e de seus textos, sem a menor preocupação para a produção literária feminina. Partindo dessas observações, o artigo direciona sua atenção ao continente africano e apresenta uma investigação sobre a presença de mulheres escritoras nos PALOP (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa). Como aporte teórico, foram utilizados os estudos de Mata & Padilha (2007), Dalcastagnè (2005), Silva (2010), Duarte (2012), dentre outros.

Palavras-chave: Literatura Africana, Mulher, Cânone.

I. Introdução

A questão do cânone literário, sua formação e seu estabelecimento estão, atualmente, entre as discussões mais frequentes. No meio acadêmico, inúmeros são os eventos científicos realizados acerca do assunto, assim como também é numerosa a quantidade de artigos publicados e de pesquisas conduzidas, principalmente, no âmbito da pós-graduação. Em muitas ocasiões, ao contrário do que sugere Harold Bloom, em *O cânone ocidental* (1995), esses estudos pleiteiam o alargamento do cânone e sugerem que o destaque ininterrupto de obras literárias tomadas como imprescindíveis em detrimento de outras consideradas dispensáveis é um processo inaceitável e mantenedor de um cânone excludente.

Thomas Bonnici (2011) pontua que a formação do cânone literário e sua consolidação estavam (e estão) atreladas ao poder da classe dominante. “Portanto, a escolha e a interpretação de determinados autores e livros e, concomitantemente, a exclusão de outros, são tarefas poderosas executadas a partir de uma posição social que reflete a ideologia de quem julga e interpreta” (BONNICI, 2011, p. 113). Nesse sentido, o estudioso explica que não é incomum obras entrarem no cânone quando elas veiculam mensagens que reforçam os conceitos de autoridade e controle da classe hegemônica. Por outro lado, o mesmo não acontece com produções que subvertem e questionam os padrões do grupo dominante.

A não-neutralidade da literatura constatada por Thomas Bonnici também é considerada por Regina Dalcastagnè (2005).

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br

www.generoesexualidade.com.br

Para a autora, a literatura é um artefato humano que, como todos os outros, participa de jogos de força dentro da sociedade. Não reconhecer isso, é “escamotear um processo em última instância autoritário: aquele que define o que pode ser considerado literatura em meio a tudo o que é escrito ou que se pensa em escrever um dia” (DALCASTAGNÈ, 2005, p.62-63).

Efetivamente, muitas mudanças ocorreram nos últimos tempos e com elas algumas lutas por direitos civis desembocaram também na literatura. Negros, judeus, mulheres e outros grupos minoritários ou dominados estão, timidamente, aparecendo nos mais diversos cenários literários. No entanto, como Dalcastagnè (2005) adverte, não foram incorporados de fato.

No caso específico das obras de autoria feminina, apesar da existência de escritoras em momento bem anterior ao atual (conforme atestam inúmeras pesquisas realizadas, contemporaneamente, como as desenvolvidas por Zahidé Lupinacci Muzart), poucas foram as que tiveram visibilidade. A exclusão dessas mulheres e de suas obras ocorreu de tal forma que seus nomes nunca entraram nas grades curriculares das instituições de ensino. Isso confirma “a manutenção de nomes de escritores e textos que são perpetuados ao longo dos séculos, ali inclusos e interpretados como *clássicos*, sem a menor discussão em torno de textos de autoria feminina” (SILVA, 2010, p. 24. Grifo do autor).

Em África, a situação da mulher escritora não diverge daquela apresentada na maioria dos espaços literários. Para Mata & Padilha (2007, p. 13), tal exclusão se repete em todos os sistemas literários nos quais há nitidamente a prevalência de vozes masculinas, porque “os textos como produtos simbólicos e como ‘documentos do imaginário’, [...] submetem-se aos mesmos aparatos de dominação impostos pelas ideologias hegemônicas”.

Um olhar, mesmo que bastante rápido, permite confirmar que poucas são as mulheres que conseguem visibilidade para seus escritos, embora a literatura de autoria feminina de muitos países africanos já tenha demonstrado excelência através de nomes como os de Mariama Bâ (Senegal), Buchi Emecheta (Nigéria), Ama Ata Aidoo (Gana), Scholastique Mukasonga (Ruanda) Chimamanda Ngozi Adichie (Nigéria), Yaa Gyasi (Gana), Aminata Forna (Serra Leoa), ou ainda, entre tantas outras, a promissora e mais jovem autora do continente africano Michelle Nkamankeng¹ (África do Sul), de apenas dez anos de idade, que já conseguiu por meio de sua obra inaugural *Waiting for the Waves* (Esperando pelas ondas, 2016) se destacar entre os melhores escritores infantis do mundo.

¹ Nascida em 2008, Michelle Nkamankeng já escreveu quatro livros (ainda não editados no Brasil): *Waiting for the Waves*, *The little girl who believe in herself*, *The Little Mouse* e *The Golden Ring*. Sua obra de estreia, *Waiting for the waves* (2016), relata a experiência da menina-autora ao enfrentar pela primeira vez o medo das ondas.

Tratando de modo particular das literaturas africanas de língua portuguesa, que desde a descolonização reivindicam o acesso à legitimidade e à existência literárias, a constatação do silêncio em relação à produção escrita feminina é ainda mais surpreendente, sobretudo quando se considera o papel de relevância “desempenhado pelas mulheres na luta de libertação de seus países, como força organizadora da resistência” (MACÊDO, 2003, p. 155).

Em vista da pouca visibilidade e pouca divulgação das produtoras literárias dos PALOP (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa), o estudo parte em busca de vozes femininas desse contexto, vozes que quando emergem no texto, segundo Zuleide Duarte (2012), apresentam uma visão particularizada das mais diversas questões, sem nada ficar a dever aos discursos predominantes no cânone. A ideia alinha-se ao desejo de evidenciar não apenas as autoras mais divulgadas e consagradas. Pretende-se comprovar a existência de tantas outras escritoras que também contribuíram e/ou ainda contribuem para a formação destas literaturas, a fim de garantir-lhes não simplesmente seus nomes em uma lista, mas, sobretudo, removê-las do confinamento de bibliotecas e da profunda escuridão a qual foram relegadas.

II. Descobrimos escritoras africanas lusófonas

Em Angola, considera-se o livro *Esportaneidades da minha alma: Às senhoras africanas* (1849), de José da Silva Maia Ferreira, a primeira obra produzida por um angolano. Trata-se de um livro de poesias dedicado às senhoras de sua terra, como bem especifica o subtítulo. A este primeiro trabalho de Maia Ferreira, paulatinamente, obras e autores foram surgindo de modo a encorpar a literatura de Angola e torná-la tal qual se conhece hoje. Um detalhe que chama a atenção neste cenário é o fato de que apenas em 1944 (quase um século depois da publicação de Maia Ferreira) vem a público uma obra de autoria feminina: o romance *Panguila* de Lília da Fonseca (1916-1991). A ela, seguem, dez anos depois, Maria Joana Couto com o livro de poesia *Braseiro Ardente* (1954) e Maria José Pereira da Silva com o livro *Ilha dos Amores: Poesias* (1961), num espaço intervalar de quase outra década.

Subsequentemente, e com um lapso temporal menor entre as publicações, outras escritoras marcaram seus nomes neste espaço, ainda no período colonial, dentre as quais podem ser citadas: Maria Eugênia Lima, *Entre a parede e o espelho* (1964); Alda Lara, *Poemas* (1966) Publicação Póstuma; Manuela Cerqueira, *Menina do deserto* (1969); Wanda Ramos, *Nas coxas do tempo* (1970); Honorinda Cerveira, *Kiangala* (1971); Maria do Carmo Marcelino, *Obra poética* (1972); Olga

Gonçalves, *Movimento* (1972); Lygia Salema, *Desterro de mim* (1973). Registre-se que apesar de quase todas estas autoras terem produzido mais de um trabalho literário, apenas Alda Lara conseguiu notabilidade, tornando-se uma das autoras angolanas mais antologadas e aclamadas pela crítica literária.

A partir da independência política angolana, presencia-se um número cada vez maior de mulheres como produtoras literárias. Na poesia, Ana Paula Tavares apresenta “uma nova dicção poética que dá voz à mulher, tornando-a capaz de expressar, eroticamente, seu corpo e de dizer, criticamente, a história de seu país” (SECCO, 2017, p. 119). Sua geração (e aqui podem ser incluídas Ana de Santana, Maria Alexandre Dáskalos e Lisa Castel) imprimiu a marca genuína do feminino na poesia de Angola, a partir da elaboração de um discurso com “perspectiva inovadora que apresenta a mulher angolana com uma carnadura mais concreta. Os problemas, os sentimentos, as intimidações femininas são abordadas poeticamente” (SECCO, 2017, p. 120).

Na prosa, além de nomes conhecidos como Amélia Dalomba, Chó do Guri, Maria Celestina Fernandes, Rosária da Silva e Sónia Gomes, podem ser mencionados inúmeros outros como Aida Gomes, Anabela Frazão, Branca Clara das Neves, Carla M. Soares, Djaimilia Pereira de Almeida, Dulce Braga, Luana Sul (Maria José Ferreira Rodrigues), Lueji Dharma, Madalena da Silva Vilela, Maria Alice Gouveia, Maria David e Marihel Ramos.

Destacam-se ainda autoras que se concentram na prosa voltada para crianças e adolescentes, como Alice Berenguel, Cremilda Lima, Gabriela Antunes, Helena Osório, Kanguimbo Ananaz, a já mencionada Maria Celestina Fernandes, Maria Eugênia Neto, Paula Russa, Rosalina Pombal, Yola Castro e Zulinni Bumba.

Em Cabo Verde, a notoriedade em relação à escrita feminina não é muito diferente daquele apontado em Angola, apesar de ter sido de uma mulher, Antónia Gertrudes Pusich (1805-1883), a primeira publicação literária cabo-verdiana, no ano de 1841. Também é conferido a esta escritora o título de primeiro autor do arquipélago a colaborar no *Almanach de lembranças luso-brasileiro* (Lisboa, 1851 a 1932), com o poema “Um cipreste”, no ano de 1854.

Assim como Antónia Gertrudes Pusich, colaboraram nos almanaques de “Lembranças” as escritoras Emília dos Mártires Aguiar, Maria Luísa de Sena Barcelos (Africana), Adelaide Maria das Neves, Gertrudes Ferreira de Lima (Humilde Camponesa) e Maria Cristina Rocha ².

² Para conhecer outras cabo-verdianas que colaboraram no *Almanach de lembranças luso-brasileiro*, com charadas, logogrifos e enigmas, consultar L.S. Ascensão de Macedo (2013).

Embora assinalem uma profícua produção literária e jornalística no arquipélago cabo-verdiano, as primeiras décadas do século XX não registram mulheres com atividades literárias. Apenas no fim dos anos cinquenta, mais precisamente em 1958, sublinham-se os nomes de Sílvia Crato Monteiro e Yolanda Morazzo no Suplemento Cultural ³, que se seguiu à revista *Claridade*.

De acordo com Simone Caputo Gomes (2010), dando continuidade à tarefa de construir o discurso poético feminino em Cabo Verde, algumas autoras divulgaram seus versos na revista *Mujer* (organizada pela OMCV – Organização das Mulheres Cabo-Verdianas), em antologias como *Canto Liberto* (1981) e *Mirabilis: de veias ao sol* (1991), ou em livro individual, a saber: Alice Wahnon Ferro, Alícia Borges, Ana Júlia Monteiro de Macedo Sança, Arcília Barreto, Dina Salústio, Eleana Lima, Lara Araújo ou Madalena Tavares, Lúcia do Rosário, Luísa Chantre, MG’Nela – Helena Regina R. M. Teófilo, Manuela Fonseca, Margarida Moreira, Maria Guilhermina, Maria José da Cunha, Maria Lúcia do Rosário, Nely, Paula Martins e Vera Duarte.

No que diz respeito à prosa, destacam-se nomes como: Maria Helena Spencer, Orlanda Amarílis, Ivone Aída Fernandes Ramos, Leopoldina Barreto, Maria Margarida Mascarenhas, Fátima Bettencourt, Dina Salústio, Haydeia Avelino Pires, Sara Almeida, Ondina Ferreira / Pseudônimo Camila Mont-Rond e Vera Duarte.

Contemporaneamente, surgem novos nomes femininos nas letras cabo-verdianas, trilhando pelas mais diversas formas de expressão textual (conto, romance, poesia), como também na literatura infanto-juvenil. A título de exemplo, merecem ser aludidas Artemisa Ferreira, Carlota de Barros, Carmelinda Gonçalves, Chissana Magalhães e Eileen Almeida Barbosa.

Na Guiné-Bissau, a presença tardia da imprensa e das editoras associada à falta de apoio das autoridades do país em relação à promoção da cultura nacional em geral e à literatura em particular contribuem para a lenta atividade cultural no país. Neste cenário, poucos são os autores. No entanto, conforme adverte Moema Parente Augel (2007, p. 21)

Trata-se de uma literatura [...] surpreendentemente vital. Seus escritos assumem, na ainda jovem história desse pequeno país, um papel de vanguarda intelectual, atuando como ponta-de-lança para o esforço de autodefinição do Estado-Nação e sua sociedade, retesando o arco entre as amarras de uma tradição rural e a busca de caminhos em direção a uma nação independente e moderna, dentro do quadro polifacético da diversidade étnica da população.

³ O *Suplemento Cultural* foi publicado em 1958, em um único número (RISO, 2014, p. 103).

Considerando, de modo específico, a produção literária feminina da Guiné-Bissau, é possível afirmar que poucas são as autoras com obras individuais publicadas. As antologias constituem, desse modo, o principal meio de divulgação do que as guineenses produzem. Todavia, é necessário realçar, conforme destaca o escritor e estudioso Rui Jorge Semedo (2012), que pouca ou quase não se faz notar a presença feminina nessas publicações.

Em *Poilão*⁴ (1973), primeiro caderno de poesias guineense, por exemplo, apenas Eunice Borges comparece, com a publicação de um único poema, “Saí sem rumo”. Destaque-se que a mesma é natural de Cabo Verde, embora descendente de guineenses. De acordo com Couto & Embaló (2010, p. 113): “Quando se casou, [Eunice Borges] mudou-se para a Guiné-Bissau, onde exerceu diversos cargos na administração do país”. À época da publicação de *Poilão*, era funcionária do Sindicato Nacional dos Empregados do Comércio e da Indústria (SNECI), em Bissau. É certo que Eunice Borges encontra-se numa posição ambígua e desconfortável, ora sendo inscrita no contingente dos autores guineenses, ora no dos cabo-verdianos. Não se pretende aqui discutir o valor dessa classificação. Reconhece-se a situação da autora nessa linha difusa entre os dois sistemas e registra-se, sobretudo, sua contribuição na já mencionada antologia *Poilão*, como também na *Antologia poética da Guiné-Bissau*. Além da colaboração nas duas coletâneas mencionadas, de acordo com Couto & Embaló (2010), se desconhece a existência de outra publicação da autoria de Eunice Borges.

No que diz respeito à presença feminina nas seis primeiras publicações em forma de coletânea que marcaram a literatura nacional da Guiné-Bissau, pode-se fazer o seguinte balanço, a partir do estudo “Uma radiografia do processo literário guineense”, de Rui Jorge Semedo (2012): *Mantinhas para quem luta* (1977) - 14 poetas, nenhuma poetisa; *Momentos primeiros da construção* (1978) - 12 poetas e uma poetisa, Mariana Marques Ribeiro; *Antologia poética da Guiné-Bissau* (1991) - 14 poetas, entre os quais duas eram mulheres, Domingas Samy e Eunice Borges; *O eco do pranto* (1992), nove poetas dentre os quais uma mulher, Mariana Marques Ribeiro; *Kebur. Barkafon di poesia na kriol* (1996) - treze poetas dentre os quais duas mulheres: Dulce Neves e Odete Semedo; *Traços no tempo: antologia poética juvenil da Guiné-Bissau* (2010) - vinte e três poetas, sendo apenas três mulheres: Filomena Gomes Correia, Gina Có e Irina Gomes Ramos.

Quanto às publicações individuais, somente em 1993 é lançada a primeira obra escrita por uma guineense. Trata-se da coletânea de contos *A escola*, de autoria de Domingas Samy,

⁴ A obra foi editada em Bissau, por iniciativa do Grupo Desportivo e Cultural (GDC) dos Empregados do Banco Nacional Ultramarino. É considerada a primeira antologia de poesia da Guiné-Bissau.

“um livro ainda incipiente, mas com o mérito do pioneirismo e de apresentar, pela via literária, diferentes aspectos da vida das mulheres no país” (AUGEL, 2007, p. 48).

O segundo nome a compor o panorama literário feminino com publicação de obra individual foi Odete Semedo, com o livro de poesia *Entre o ser e o amar*, trazido a lume em 1996. A este se seguem os livros de contos coletados da tradição oral: *Soneá: Histórias e passadas que ouvi contar I* e *Djênia: Histórias e passadas que ouvi contar II*, ambos lançados em 2001 e “reeditados em 2003, em um único volume, em Viana do Castelo, Portugal, juntamente com o memorável *No fundo canto*, poesia, que teve uma segunda edição em Belo Horizonte, Brasil, em 2007” (AUGEL, 2014, p. 130).

Acrescente-se a este panorama o nome da escritora Filomena Embaló e sua obra *Tiara* (1999), “que levanta o véu do delicado tema da integração familiar e social no seio da própria sociedade africana”, como afirma a autora (EMBALÓ, 2004). Apesar de ser de nacionalidade angolana, Filomena Embaló, cujas origens são cabo-verdianas, afirma-se “guineense de coração e por opção”, assumindo-se como guineense, embora sem rejeitar suas origens e sua vivência em Angola. Além de *Tiara*, Filomena Embaló publicou o livro de poemas *Coração Cativo* (2005) e o livro de contos *Carta Aberta* (2005).

Mais recentemente vem se sobressaindo as vozes poéticas de Saliatu da Costa e Antonieta Rosa Gomes. A primeira publicou *Bendita loucura* (2008) e *Entre a roseira e a pólvora, o capim!* (2011). Antonieta Rosa Gomes estreou na literatura guineense em 2014, com a obra *Retratos de mulher*. Por sua vez, na prosa, merece registro Né Vaz (Vanessa Margarida Buté Vaz), a mais jovem romancista da Guiné-Bissau. Seu livro *Pérola roubada*, foi lançado em fevereiro de 2018, sob a chancela da Chiado Editora.

Em Moçambique, reduzido foi o número de escritoras que figuraram e se tornaram reconhecidas no período colonial e nos primeiros anos do pós-independência. Noémia de Sousa (1926-2002) é um desses poucos nomes de destaque. Todavia, é necessário lembrar que, mesmo conhecida, só teve seus poemas reunidos em livro no ano de 2001, sob a organização de Nelson Saúte. Antes disso, seus textos circulavam apenas em periódicos e antologias poéticas, como *No reino de Caliban*, volume III, tomo dedicado a escritores moçambicanos, coordenado por Manuel Ferreira.

De acordo com Nazareth Fonseca (2004) (2008), além de Noémia de Souza, também tiveram poesias publicadas em antologias as seguintes escritoras: Maria Manuela de Souza Lobo (*No reino de Caliban III*, 1988); Ana Pereira do Nascimento, Anunciação Prudente, Glória de Sant’Anna, Irene Gil e Marília

Santos (*Antologias de poesia da Casa dos Estudantes do Império – 1951/1963*, editadas pela Associação Casa dos Estudantes do Império, em 1994); Clotilde da Silva e a já mencionada Noémia de Sousa (*Antologia da nova poesia moçambicana*, 1989).

Contemporaneamente, novas vozes poéticas se distinguem em Moçambique, não só com publicações em obras coletivas, mas também por meio da edição de livros individuais, a saber: Amélia Matavele, Celina Sheila Macome, Emmy Xyx (Maria Manuela Xavier), Gisela Ramos Rosa, Hirondina Joshua, Lica Sebastião, Rinkel (Márcia dos Santos), Sónia Sultuane e Tânia Tomé.

Na prosa, além das já conhecidas Maria Sorensen, Lília Momplé, Lina Magaia e Paulina Chiziane, podem ser citadas Amilca Ismael, Teresa Xavier Coito e Lídia Mussá. Aponte-se também a já referida Glória de Sant’Anna que, transitando da poesia para a narrativa, publicou em 1975 a obra ... *Do tempo inútil*, livro de crônicas escritas de 1960 a 1970 (FERREIRA, 1977). Complemente-se, ainda, que Glória de Sant’Anna também se destaca por produzir literatura infanto-juvenil. Entre os seus livros com esta temática podemos citar *Zum-zum*, publicado em 1995 e *O pelicano velho*, que obteve duas edições, a primeira em 2002 pela Câmara Municipal de Ovar e a segunda pela Ndjira, no ano de 2003.

Além de Glória de Sant’Ana se dedicam à escrita para o público infanto-juvenil as escritoras Amélia Muge, Fátima Langa, Felizmina Velho, Teresa Noronha, Tatiana Pinto e Angelina Neves Oliveira.

Sem dúvidas, entre as escritoras, Paulina Chiziane está entre as mais conhecidas, sendo a moçambicana com maior visibilidade, alcançando espaço de destaque na análise de especialistas. Inúmeros são os artigos e ensaios sobre o conjunto de sua obra. Assim como também é crescente a quantidade de teses e dissertações que tem como objeto de análise suas narrativas.

Especificamente tratando da presença feminina na literatura de São Tomé e Príncipe, Amarino Queiroz (s/d) identifica a primeira metade do século XX como sendo o período em que se registram as primeiras escritoras santomenses. Nomes como os de Aurora Jardim (São Tomé, 1898-1988) e Sara Pinto Coelho (Príncipe, 1913-1990) são apontados pelo crítico e pesquisador como precursores, embora o mesmo esclareça que “em ambas as autoras não estejam delineados os contornos de uma motivação que se pudesse traduzir por reivindicação nacionalista”.

Ainda no período colonial, surgem nomes como os de Alda Espírito Santo e Maria Manuela Margarido, escritoras que,

contrariamente a Sara Pinto Coelho e a Aurora Jardim, inscreveram sua poesia num projeto claramente nacionalista. Seus textos atestam o compromisso político e refletem o ideário de luta contra o colonialismo.

Comparecem no cenário literário santomense, atualmente, Ana Maria Deus Lima, com participação na *Antologia poética de São Tomé e Príncipe* (1978) e na *Antologia da poesia feminina dos PALOP* (1998) e outras escritoras com obras individuais como Otilina Silva, Goretti Pina, Olinda Beja e Conceição Lima. Dentre elas, as duas últimas são as mais conhecidas do público internacional.

Olinda Beja, por sua vez, é a autora santomense com mais livros publicados. Iniciou sua carreira literária, através da colaboração da Câmara Municipal de Aveiro (CMA), com a publicação de *Bô tendê?* (1992), *Leve, leve* (1993) e *15 dias de regresso* (1994). Até o momento, além das obras mencionadas, a autora escreveu *No país do tchiloli* (1996), *A pedra de Villa Nova* (1999), *Pingos de chuva* (2000), *Quebra-mar* (2001), *Água crioula* (2002), *A ilha de Izunari* (2003), *Pé-de-perfume* (2004), *Aromas de cajamanga* (2009), *O cruzeiro do sul* (2011), *A casa do pastor* (2011), *Histórias da gravana* (2011), *Um grão de café* (2013), *Tomé Bombom* (2016), *À sombra do oká* (2016) e *O chá do Príncipe* (2017), totalizando quase duas dezenas de livros.

Trilhando pelas mais variadas formas de expressão textual (conto, romance, poesia), Olinda Beja se destaca também por ter obras traduzidas para o espanhol, francês, inglês, chinês e esperanto. Em 2013, venceu o Prémio Literário Francisco José Tenreiro, galardão atribuído à coletânea de poemas *À sombra do oká*. Em 2015, seu livro *Um grão de café* entrou para o Plano Nacional de Leitura de Portugal.

Com obras individuais também publicadas, porém com menos divulgação que as escritoras anteriores, merecem ser mencionadas: Adalvina Henriques D'Apresentação, com *Unidos pela força do mal* (2008); Maria Cristina Barbosa, com *Ye Rêguê* (2012); Aoní d'Alva, com *Miopia crônica* (2012); e Cristina Brandão Lavender, com *Saber esperar* (2013).

Além das já citadas, são dignas de reconhecimento Angela Barros, Ivys Martinho, Lucy Amado e Alda Barros. As três primeiras integraram com seus poemas a antologia *12 poetas de São Tomé e Príncipe*, editada em 2015 pela AfroFanzine, editora independente que tem como objetivo divulgar autores e autoras africanos. Já Alda Barros lançou seu livro de poesias *A flor branca de baobá* em maio de 2017, sob a chancela da Chiado Editora.

O vazio editorial referente à produção literária feminina ainda é bem amplo em São Tomé e Príncipe. A pequena quantidade de

escritoras localizadas confirma que poucas foram as mulheres que conseguiram dar visibilidade a seus escritos.

III. Conclusão

Assim como acontece em outros contextos literários, as literaturas dos países africanos, em especial os que falam a língua portuguesa, apresentam uma tímida presença de mulheres como produtoras literárias. Sem dúvidas, razões culturais e políticas contribuem para a impossibilidade da escrita feminina. Quando se produz, por outro lado, enormes são as dificuldades enfrentadas para a publicação. Primeiro, porque os países africanos são desprotegidos de parque gráfico e casas editoriais. Segundo, porque se priorizam publicações de obras de escritores veteranos, com predileção para aqueles do sexo masculino. Inúmeras são as escritoras que falam a respeito dessa situação em eventos culturais, depoimentos e entrevistas.

Apesar dos obstáculos existentes para a produção, publicação e divulgação de obras escritas por mulheres na África lusófona, é inegável o crescimento do número de mulheres que escrevem e publicam. Suas vozes imprimem as mundividências femininas, ora assumindo “uma escrita que deixa espaço para a expressão da intimidade do eu, para a escuta de sugestões mais comprometidas com o universo de mulheres” (FONSECA, 2004, p. 295), ora registrando o papel da mulher na sociedade ancestral e as contendas enfrentadas na adequação às novas realidades advindas dos processos de descolonização. É urgente, portanto, dar maior visibilidade à produção destas escritoras, como também é necessário refletir sobre as obras, relevando suas vozes silenciadas, por meio de discussão dos temas abordados e da construção de novo(s) cânone(s).

REFERÊNCIAS

AUGEL, Moema Parente. Na voz do outro. A representação da mulher guineense pela perspectiva masculina. In: SILVA, Fabio Mario da. **O feminino nas literaturas africanas em língua portuguesa**. CLEPUL: Lisboa, 2014.

AUGEL, Moema Parente. **O desafio do escombro**: nação, identidades e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

BONNICI, Thomas. O cânone literário e a crítica literária: o debate entre a exclusão e a inclusão. In: BONNICI, Thomas; FLORY, Alexandre Villibor; PRADO, Márcio Roberto do. **Margens instáveis**: tensões entre teoria, crítica e história da literatura. Maringá: Eduem, 2011.

BLOOM, Harold. **O cânone ocidental**: os livros e a escola do tempo. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

COUTO, Hildo Honório do; EMBALÓ, Filomena. **Literatura, língua e cultura na Guiné-Bissau** – Um país da CPLP. PAPIA – Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares, n. 20, 2010. Universidade de Brasília. Thesaurus Editora, 2010.

DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. In: **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 26. Brasília, Jul.-Dez. 2005.

DUARTE, Zuleide. **Outras Áfricas**: elementos para uma literatura da África. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2012.

EMBALÓ, Filomena. **Breve resenha sobre a literatura da Guiné-Bissau**. 2004. Disponível em: <www.didinho.org/Arquivo/resenhaliteratura.html>. Acesso em: 04 de maio de 2017.

FERREIRA, Manuel. **Literaturas africanas de expressão portuguesa – Volumes I e II**. Lisboa: Biblioteca Breve. Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1977.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Literatura africana de autoria feminina: estudo de antologias poéticas. In: **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 08, n. 15, 2º sem., 2004.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Vozes femininas em antologias poéticas. In: **Literaturas africanas de língua portuguesa**: percursos da memória e outros trânsitos. Belo Horizonte: Veredas e Cenários, 2008.

GOMES, Simone Caputo. O texto literário de autoria feminina escreve e inscreve a mulher e(m) Cabo Verde. In: SECCO, Carmen Lucia Tindó; SALGADO, Maria Teresa; JORGE, Silvio Renato. **África, escritas literárias**: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Angola: UEA, 2010.

MACEDO, L.S. Ascensão de. **Da voz à Pluma**: Escritoras e patrimônio documental de autoria feminina de Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde: Guia Bibliográfico. Ribeira Brava: L.S. Ascensão de Macedo, 2013.

MACÊDO, Tania. Estas mulheres cheias de prosa: a narrativa feminina na África de língua oficial portuguesa. In: LEÃO, Ângela Vaz. **Contatos e ressonâncias**: literaturas africanas de língua portuguesa. Belo Horizonte: PUC Minas, 2003.

MATA, Inocência; PADILHA, Laura Cavalcante. **A mulher em África**. Vozes de uma margem sempre presente. Lisboa: Edições Colibri, 2007.

QUEIROZ, Amarino Oliveira de. **Onde canta o ossobó**: vozes literárias femininas do arquipélago de São Tomé e Príncipe. s/d. Disponível em: <<http://ueangola.com/criticas-e-ensaios/item/320-onde-canta-oossob%C3%B3>>. Acesso em 27 de junho de 2014.

RISO, Ricardo. Carlota de Barros e Maria Helena Sato – poéticas afetivas da diáspora cabo-verdiana. In: SILVA, Fabio Mario da. **O feminino nas literaturas africanas em língua portuguesa**. Lisboa: CLEPUL, 2014.

SECCO, Carmen Lúcia Tindó. Outros modos de dizer o corpo da mulher e da história: Odete Semedo, Conceição Lima e Tânia Tomé. In: **Metamorfoses**, v. 14, n. 1, 2017.

SEMEDO, Rui Jorge. Uma radiografia do processo literário guineense. In: **REALIS** (Revista de Estudos AntiUtilitaristas e PosColoniais), v. 2, n. 02, jul-dez. 2012.

SILVA, Antonio de Pádua Dias da. **Mulheres representadas na literatura de autoria feminina**: vozes de permanência e poética da agressão. Campina Grande: EDUEPB, 2010.